

# A Teoria de David Galula Posta à Prova em Ameriyah: As Pessoas São a Chave

Tenente-Coronel Dale Kuehl, Exército dos EUA

**O**S CRÍTICOS DO foco do Exército nas operações de contrainsurgência (COIN) sustentaram, recentemente, que o Exército desenvolveu uma abordagem dogmática de COIN. Em particular, questionam a asserção no Manual de Campanha *FM 3-24, Counterinsurgency* (Contrainsurgência), que a capacidade dos insurgentes de manter o apoio popular [para sua causa] ou pelo menos a submissão [a ela]” é essencial para uma insurgência eficaz no longo prazo e é, geralmente, um dos centros de gravidade do insurgente.<sup>1</sup> Contudo, com base nos 14 meses de operações de contrainsurgência no noroeste de Bagdá, incluindo o bairro sunita de Ameriyah, penso que os autores do *FM 3-24* acertaram. Embora alguns argumentem que o Exército aborda a COIN de forma dogmática, eu discordo. Eu, por exemplo, não li completamente o novo manual de campanha, desde que saiu, depois do nosso desdobramento. No entanto, com base no meu estudo anterior da COIN, vi que ganhar a confiança da população local era essencial para as nossas operações. Pelo menos para a nossa unidade, funcionou.

Quando retornamos aos EUA, tive tempo de refletir e estudar a COIN mais a fundo, desta vez com um nível de experiência pessoal. Recentemente, li *Counterinsurgency Warfare: Theory and Practice* (“Guerra de Contrainsurgência: Teoria e Prática”, em tradução livre), de David Galula, pela primeira vez e descobri que, embora se concentre em insurgências comunistas e coloniais, grande parte de sua obra é relevante para a nossa luta

atual no Iraque. Como os autores do *FM 3-24*, Galula considera o apoio da população essencial para derrotar uma insurgência. Ele apresenta quatro leis para a execução de uma campanha de contrainsurgência:

- O apoio da população é tão necessário para o contrainsurgente quanto para o insurgente.
- O apoio é conquistado por meio de uma minoria ativa.
- O apoio da população é condicional.
- A intensidade de esforço e a amplitude de meios são essenciais.<sup>2</sup>

O 1º Batalhão do 5º Regimento de Cavalaria foi enviado para o Iraque em outubro de 2006 e assumiu, no final de novembro, a responsabilidade do 8º Esquadrão do 10º Regimento de Cavalaria pelos bairros de Khadra e Ameriyah e pela Estrada



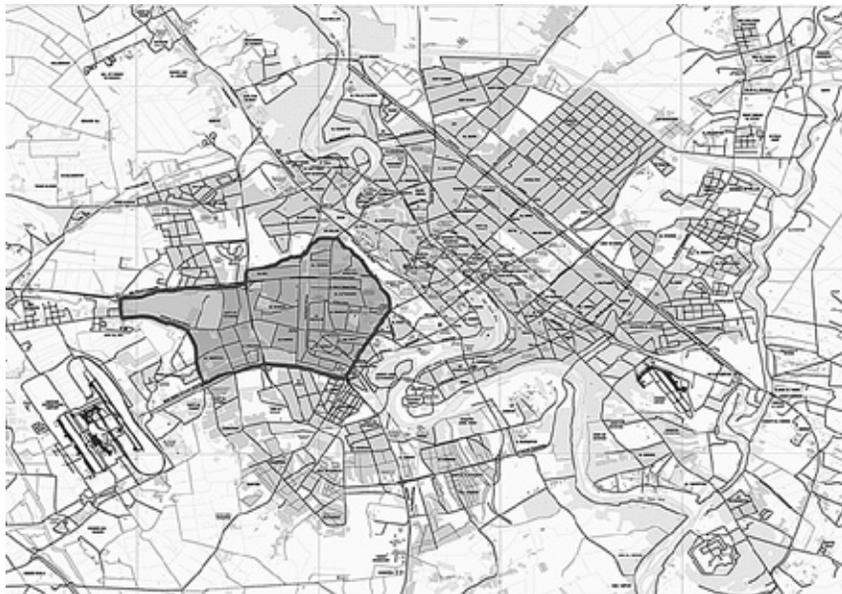
Exército dos EUA, Sgt. Jack Androski

Um dos primeiros Filhos do Iraque em Ameriyah, junho de 2007

---

*O Ten Cel Dale Kuehl está designado no Grupo de Operações do Centro de Adestramento Nacional como Scorpion 07, Instrutor Sênior do Batalhão de Armas Combinadas. Anteriormente, comandou o 1º Batalhão, 5º Regimento de Cavalaria, liderando o batalhão em*

*desdobramentos operacionais em Nova Orleans, em setembro de 2005, depois do furacão Katrina, e em Bagdá, de outubro de 2006 a janeiro de 2008. É bacharel pela Academia Militar dos EUA e mestre pela Escola de Comando e Estado-Maior do Exército dos EUA.*



**Figura 1. Bagdá com o Distrito de Segurança de Mansour em destaque.<sup>3</sup>**

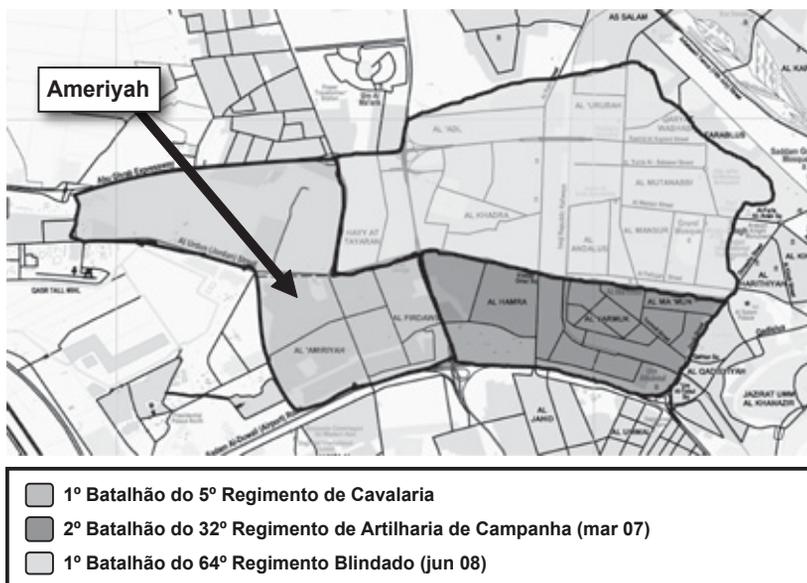
do Aeroporto. Logo depois da transferência de autoridade, a nossa área de operações triplicou de tamanho, passando a englobar todo o Distrito de Segurança de Mansour, do Campo Liberty à Zona Internacional. Ficamos sob o comando do coronel J.B. Burton, na Brigada de Combate Dagger, 2ª Brigada, 1ª Divisão de Infantaria. Nossa composição de meios incluía apenas duas companhias de infantaria mecanizada. Destacamos um comando de compa-

nhia e dois pelotões de carros de combate para servirem de equipe de transição militar (*military transition team — MiTT*), e uma companhia de carros de combate foi anexada a outro batalhão. A nossa brigada enquadrante, a 2ª Brigada da 1ª Divisão de Cavalaria, também reteve a nossa companhia de engenharia. Burton forneceu-nos um esquadrão de reconhecimento de brigada (*brigade reconnaissance troop — BRT*), com um pelotão e uma tropa do comando do esquadrão para nos ajudar com problemas de mão-de-

obra.

Durante o desdobramento, enfrentamos o desafio de tentar moderar a violência sectária que permeava o nosso ambiente operacional. Beneficiamo-nos do aumento de soldados proporcionado pela escalada de forças. Junto com as outras unidades subordinadas da Brigada Dagger, penetramos no setor, estabelecendo vários postos avançados de combate e postos de segurança combinados. Vimos melhorias dramáticas na segurança quando voltamos o nosso foco para o estabelecimento de condições para proteger a população em vez de transferir a responsabilidade para as forças de segurança do Iraque (*Iraqi Security Forces — ISF*). (Trabalhar estreitamente com o Exército iraquiano para manter esse foco facilitará a transição para o controle total do Iraque no futuro.)

Proteger a população e conquistar a sua confiança era essencial. Exigia soldados e líderes disciplinados até o nível fração com um entendimento básico de COIN. Não nos concentramos, necessariamente, em



**Figura 2. Distrito de Segurança de Mansour.<sup>4</sup>**

conquistar os corações e as mentes dos habitantes locais. Só queríamos que confiassem mais em nós, no Exército iraquiano e no governo iraquiano do que nos insurgentes, os quais, em nossa área, eram dominados pela Al-Qaeda no Iraque (AQI). Embora eu não tivesse lido Galula antes do nosso desdobramento, as operações refletiram, em geral, as suas quatro leis.

### Apoio da População

Galula sustenta que o cerne do problema para o contrainsurgente não é expulsar o insurgente de uma área, porque o contrainsurgente sempre pode concentrar poder de combate suficiente para forçar o insurgente a sair. O desafio é que, uma vez que a concentração de forças termina, o insurgente retorna a menos que o contrainsurgente seja capaz de ganhar o apoio da população local. Em consequência, o contrainsurgente combate o insurgente para obter esse apoio. O insurgente tem a vantagem nessa luta, porque sua organização é de base popular.<sup>5</sup>

Vimos esse fenômeno durante toda a guerra no Iraque. Perseguimos a Al-Qaeda de um reduto a outro. Durante o nosso período em Bagdá, os insurgentes da Al-Qaeda foram expulsos da Rua Haifa e muitos deles se mudaram para Ameriyah. Ao longo dos últimos anos, várias tentativas foram feitas para limpar Ameriyah, desde a Operação *Together Forward*, em agosto de 2006, até a

Operação *Arrowhead Strike 9*, em abril de 2007. No entanto, depois de cada uma dessas operações, os insurgentes da Al-Qaeda voltaram, porque ainda não tínhamos conquistado totalmente a confiança da população. Os insurgentes saíam ou se misturavam

---

## **Só queríamos que confiassem mais em nós, no Exército iraquiano e no governo iraquiano do que nos insurgentes...**

com a população até que a concentração de tropas se deslocava para outro local. Os ganhos eram superficiais e temporários. As organizações políticas e militares da Al-Qaeda dentro da área permaneceram intatas.

O conceito por trás dessas operações era coerente com a abordagem de limpar-manter-construir descrita na Estratégia de Segurança Nacional para a Vitória no Iraque (*National Security Strategy for Victory in Iraq*) e no *FM 3-24*.<sup>6</sup> A intenção era que uma grande concentração de tropas dos EUA e das ISF expulsasse os insurgentes de uma área por meio de operações de cerco e vasculhamento e incursões

precisas.<sup>7</sup> Conforme a força de limpeza se deslocasse para outra área, as forças que ficassem para trás, dependendo fortemente das ISF, manteriam o controle sobre a área, proporcionando segurança à população local e restabelecendo uma presença eficaz do governo iraquiano. Com a segurança estabelecida, começaríamos os projetos de reconstrução para desenvolver a infraestrutura, a capacidade de governo e a economia local e para aumentar a fé dos habitantes locais no governo iraquiano.

Embora essa estratégia seja sensata, enfrentamos vários problemas na sua execução. Primeiro, para serem eficazes, as operações de limpeza devem



Cortesia do autor

*Prédios danificados durante combate em Ameriyah em maio/junho de 2007.*



Cortesia do autor

*Barreiras em um posto de controle de entrada em Ameriyah, dezembro de 2007.*

depende de informações suficientemente detalhadas para permitir a seleção de alvos e incursões precisas. Simplesmente não tínhamos esse nível de Inteligência e, por isso, as nossas operações de limpeza eram um instrumento grosseiro, que tinha pouco impacto de longo prazo na atividade insurgente. As operações interromperam a atividade insurgente enquanto a força de limpeza estava presente, mas não fizeram nada para atacar a infraestrutura insurgente arraigada. Segundo, a força de resistência simplesmente não foi capaz de proporcionar segurança à população. Não tínhamos uma quantidade suficiente de soldados americanos e a população local, predominantemente sunita, não confiava no batalhão do Exército iraquiano dominado pelos xiitas. Enfim, incapazes de proteger a população, não conseguimos ir adiante com os projetos civis.

### **Apoio de uma Minoria Ativa**

O desafio para o contrainsurgente é como ganhar o apoio da população. O contrainsurgente não busca apenas o apoio passivo ou moral, mas o apoio ativo na luta contra os insurgentes. Galula argumenta que esse apoio decorre de um princípio básico no exercício do poder político: em qualquer situação, qualquer que seja a causa, haverá uma minoria ativa a favor da causa, uma maioria neutra e uma minoria ativa contra ela.

Para obter apoio para o seu lado da causa, é preciso contar com a minoria favorável para mobilizar a maioria neutra e para neutralizar ou eliminar a minoria hostil.<sup>8</sup>

Enfrentamos enormes desafios em Ameriyah. Na verdade, a AQI controlava o bairro. Embora a maioria da população não a apoiasse, a minoria ativa da AQI dominava a área pelo medo e intimidação. O sistema de barreiras que implantamos para controlar o movimento dos insurgentes era ineficaz, porque tinha muitos buracos que permitiam rotas de entrada e saída praticamente desimpedidas. A população local não confiava nas forças de segurança iraquianas dominadas pelos xiitas, que, a seu ver, eram motivadas por uma agenda sectária. A seleção de alvos pela AQI levou o Exército iraquiano a ocupar posições estáticas no perímetro do bairro, oferecendo pouca proteção à população.

Em maio de 2007, logo depois da finalização das operações de limpeza durante a *Arrowhead Strike 9*, Ameriyah se tornou um lugar extremamente violento. Com o Exército iraquiano efetivamente fora de cena, a AQI direcionou as suas operações contra as forças dos EUA e a população local. Os dispositivos explosivos improvisados profundamente enterrados causaram baixas em três principais explosões na primeira semana de maio, que

---

***...enquanto estabelecíamos esse posto avançado, um explosivo improvisado enterrado explodiu debaixo de uma viatura blindada de combate Bradley, matando seis soldados e um intérprete.***

mataram cinco soldados e um intérprete. Também assistimos a um crescimento em tiros de armas portáteis, que mataram mais um soldado. Devido à maior ameaça, tirei o poder de combate de outras partes da área de operações do batalhão em Mansour para concentrá-lo em Ameriyah.

Também solicitei e recebi uma companhia de *Stryker*, a Companhia A do 1º Batalhão, 23º Regimento de Infantaria.

O poder de combate adicional nos possibilitou aumentar o patrulhamento em Ameriyah. Limitamos o número de operações de cerco

---

***[O imã] Não estava pedindo permissão para agir. Atacariam a AQI quer eu concordasse quer não. Eu lhe disse para se certificar de que seus homens não ameaçassem meus soldados ou civis desarmados...***

e vasculhamento em grande escala em casas residenciais, visando, em vez disso, as áreas específicas supostamente utilizadas pela AQI para reuniões ou distribuição de literatura e CDs. Continuamos a melhorar o sistema de barreiras ao redor do bairro, utilizando, dessa vez, obstáculos de dois metros de altura e colocando-os longe das casas. As novas estruturas apresentaram uma barreira mais coesa contra os movimentos insurgentes, negando o fluxo de armas, munição e explosivos. O Exército iraquiano implantou um toque de recolher restritivo e a proibição do movimento de veículos.

Por vários meses, buscamos um local em Ameriyah para estabelecer um posto avançado de combate permanente. Havíamos instalado outros em toda a área de operações do batalhão no Distrito de Segurança de Mansour, e eles se mostraram eficazes em nos ajudar a entender melhor a população local e conquistar a confiança dos cidadãos. Escolhemos uma área na parte noroeste de Ameriyah, embora não fosse o lugar ideal. Em 19 de maio, enquanto estabelecíamos esse posto avançado, um explosivo improvisado enterrado explodiu debaixo de uma viatura blindada de combate Bradley, matando seis soldados e um intérprete.

A nossa reação a esse desastre provou ser essencial para ganhar o apoio de uma minoria ativa na comunidade, minoria essa que se aliou a nós e ao Exército iraquiano para derrotar a AQI. Com o tempo, o tamanho dessa minoria ativa cresceu exponencialmente e nos levou a conquistar a confiança da maioria neutra.

Depois de retornar ao meu posto de comando naquela noite, chamei um dos imãs locais para exigir o seu apoio para expulsar a AQI do bairro. Estava certo de que os imãs locais sabiam quem estava por trás da violência, mas também sabia que eles eram intimidados pela AQI. A partir de fevereiro, nossas reuniões com os imãs assumiram um caráter clandestino. Pediram que me encontrasse com eles apenas em certos horários, tarde da noite. Argumentei que meus homens estavam sofrendo e sabia que esses líderes locais dispunham das informações de que precisávamos. Desconhecido para mim na época, esse clérigo em particular já fazia parte da minoria que se mobilizava contra a AQI. O esforço logo se tornaria público.

Também essencial foi o que não fizemos. Todos os oficiais, sargentos e soldados estavam frustrados com o aumento da violência e com a nossa incapacidade de identificar positivamente o nosso inimigo e atacar a sua rede. Os resmungos nas fileiras incluíam conversa de fazer “uma Fallujah”, significando uma operação de limpeza em grande escala com forte ênfase no poder de fogo. Continuei a enfatizar a necessidade de agir com comedimento, conduzir operações



*O capitão Kevin Salge (à esquerda) planeja uma missão com Abu Abed (sentado à direita), junho de 2007.*

Cortesia do autor

focalizadas e tratar os habitantes locais com dignidade e respeito. O comedimento não era popular, mas os líderes do batalhão controlaram os seus soldados, que mantiveram a disciplina. Meses depois, conforme nos preparamos para novo desdobramento, o imã principal e cidadão mais influente de Ameriyah disse que o nosso comedimento era essencial para ganhar a confiança do povo.

Na noite de 29 de maio, recebi a resposta do imã com quem havia falado depois da destruição da Bradley. Ele me disse que os moradores locais iriam atrás da AQI no dia seguinte. Além de visar soldados dos EUA, a AQI aumentara a pressão na população iraquiana, que já estava farta. Discutimos durante cerca de 20 minutos, enquanto eu tentava persuadi-lo a dar-nos as informações e a deixar-nos cuidar dos alvos. Contudo, ele insistiu que os iraquianos tinham de fazê-lo. Não estava pedindo permissão para agir. Atacariam a AQI quer eu concordasse quer não. Eu lhe disse para se certificar de que seus homens não ameaçassem meus soldados ou civis desarmados, senão atiraríamos neles. Depois lhe desejei boa sorte. Ajustamos as nossas regras de engajamento para o dia seguinte e esperamos para ver o que ocorreria.

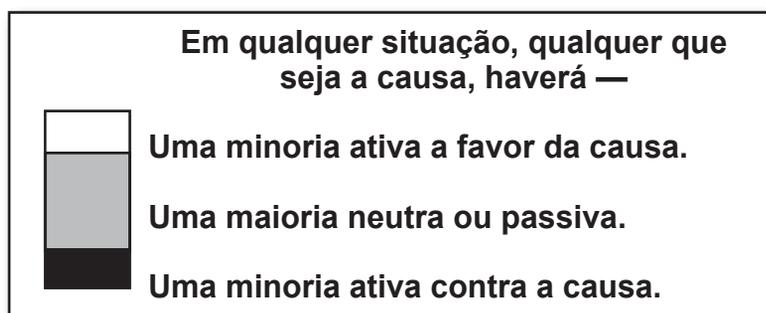
O dia seguinte foi crucial. Os habitantes locais atacaram e eliminaram vários líderes da AQI em Ameriyah. O imã usou o alto-falante em sua mesquita para convocar as pessoas para atacar a AQI e apoiar as forças da coalizão. Dezenas de homens portando AK-47s e metralhadoras foram às ruas para defender seu bairro. Não disparamos porque nenhum desses homens representava uma ameaça às nossas formações. O imã me ligou naquela noite, exultante com o sucesso conquistado pelos iraquianos, alegando que haviam conseguido controlar dois terços de Ameriyah. Estávamos cautelosamente otimistas.

No dia seguinte, a história foi outra. A AQI contra-atacou, forçando os combatentes locais rumo a dois redutos ao redor de duas mesquitas. Comecei a receber relatórios de situação dos meus próprios soldados, e o imã me ligou a cada cinco ou dez minutos com atualizações. Desesperado,

ele pediu pela nossa ajuda quando seus homens se retiraram para a sua mesquita. Mandeí dois pelotões de *Stryker* sob o comando do capitão Kevin Salge para prestar auxílio aos iraquianos. Chegaram no momento exato e interromperam o avanço da Al-Qaeda, estabelecendo um perímetro de segurança para permitir que nossos novos amigos descansassem. A mesquita estava uma bagunça, com vidros quebrados por tiros de armas portáteis e lança-rojões. Havia mortos e feridos espalhados pelo santuário.

O principal imã de Ameriyah me ligou, em seguida, para marcar uma reunião formal com o líder dos combatentes iraquianos. Até então, não sabíamos quem dirigia as ações locais. A minha primeira reunião com o homem, Abu Abed, não foi boa. Obviamente exausto, ele fez exigências que eu não estava disposto a aceitar. Nós nos reunimos de novo na noite seguinte e elaboramos um acordo sobre como cooperaríamos para derrotar o nosso inimigo comum. A nossa relação foi hesitante no início, mas, com o tempo, passamos a confiar um no outro, conforme notamos os resultados positivos de trabalharmos juntos. Os iraquianos viram que estávamos comprometidos a proteger o seu bairro.

Galula afirma que o contrainsurgente que se recusa a observar e seguir a sua segunda lei (que o apoio é conquistado por meio de uma minoria ativa) e é limitado pelas restrições de tempos de paz prolongará a guerra e não ficará mais próximo da vitória. O desafio que enfrentamos era que as forças de segurança na área eram vistas como ocupantes, embora também fossem iraquianas. A maioria era xiita e tendia a usar uma força excessiva. A situação era agravada pelo fato de que a população local tinha medo de qualquer força ligada ao Ministério do Interior (MI). A polícia nacional detivera dezenas de



**Figura 3. Apoio para uma insurgência.**

homens indiscriminadamente e não disse mais uma palavra sobre a sorte deles. Supostamente, os membros do MI também tinham roubado o banco local.

O argumento de Galula que ganhar o apoio de uma minoria ativa é essencial provou ser verdade para nós.<sup>9</sup> A utilização de uma força dominada por xiitas para proporcionar segurança serviu apenas para reforçar uma das causas principais da insurgência dos sunitas: a falta de oportunidades para que estes se tornassem parte da força de segurança legítima. Abu Abed e seus homens eram a minoria ativa de que precisávamos. Eles atacaram a base da insurgência.<sup>10</sup>

### **Apoio Popular Condicional**

Galula afirma que uma minoria hostil ao insurgente não surgirá enquanto a ameaça não for reduzida até um nível razoável. Mesmo que surja, tal minoria não será capaz de mobilizar o resto da população a menos que se convençam de que o contrainsurgente dispõe da vontade, dos meios e da capacidade de ganhar. Ademais, as reformas políticas, econômicas e sociais são impossíveis enquanto o insurgente controlar a população.<sup>11</sup>

Vimos todos esses desafios em Ameriyah. Ainda não sei ao certo por que Abu Abed e seus homens ofereceram ajuda na época. Sem dúvida, parte da resposta está nos métodos brutais que a AQI usava para controlar a população, incluindo o sequestro, a tortura e o assassinato. Além disso, a AQI impediu, ativamente, qualquer melhoria na comunidade local, interrompendo os serviços básicos como a coleta de lixo, os reparos no sistema de esgoto e a distribuição dos tão necessários propano e querosene. Suspeito que Abu Abed e seus seguidores também ofereceram seus serviços por causa do compromisso que fizemos com a comunidade. Em fevereiro de 2007, durante uma reunião com líderes da comunidade local, disse-lhes que estávamos comprometidos a derrotar a AQI e proteger Ameriyah contra a milícia xiita.

O povo vira a milícia Jaysh Al-Mahdi (JAM) tomar o controle de Hurriya em janeiro. Também observou a JAM se expandir para o sul em Amil e Jihad, fornecendo uma ótima ferramenta de recrutamento à AQI. Os insurgentes locais tinham se juntado à AQI para proteger seus bairros contra a JAM, mas vieram a arrepender-se dessa decisão. Ao nos comprometermos a deter a expansão da

JAM, oferecemos uma alternativa aos habitantes locais. O jugo repressivo da AQI e seu objetivo político de estabelecer um grande califado não foram bem recebidos pela população local ou pelos grupos insurgentes locais. A população local era, em geral, instruída e mais secular quanto à sua visão de mundo. Até os imãs falavam sobre a necessidade de um governo secular, em vez de

---

***Galula afirma que uma minoria hostil ao insurgente não surgirá enquanto a ameaça não for reduzida até um nível razoável.***

um governo dirigido por partidos religiosos. Os líderes da minoria favoráveis reconheceram o nosso comprometimento, mesmo à medida que a violência em Ameriyah aumentava, porque, apesar de nossas perdas, continuamos a construir.

O maior patrulhamento, com várias companhias ativas no bairro, convenceu os residentes que não os deixaríamos. Melhores barreiras, um toque de recolher e restrições de trânsito dificultaram a movimentação dos agentes secretos da AQI, isolando-os da população. À medida que a nossa coleta de Inteligência aumentou, descobrimos os padrões complexos das operações da AQI e interrompemos suas reuniões. Enfim, a reação disciplinada de nossos soldados às baixas que sofreram impediu que a população não comprometida se virasse contra nós.

Quando Abu Abed disparou o primeiro tiro em 30 de maio, eliminando um dos líderes principais da AQI na área, ele desencadeou uma rebelião popular que levou dezenas de homens às ruas. No entanto, a reação violenta da AQI fez com que muitos desaparecessem. Quando aparecemos para ajudar, Abu Abed tinha apenas uns seis homens dedicados. Esse número subiu de novo para cerca de 30 em poucos dias, mas ainda era um grupo pequeno. A maior parte da população ainda não havia se convencido. Durante os dois meses e meio seguintes, trabalhamos estreitamente com esse pequeno grupo de combatentes e o Exército

iraquiano para controlar a população. Por meio da seleção letal e precisa de alvos, tiramos à força o controle da AQI.

Passamos por várias mudanças de nome para o grupo, optando por Forsan al-Rafaidan, ou “Cavaleiros da Terra dos Dois Rios”. Durante o nosso período em Bagdá, eles ficaram conhecidos mais genericamente como “cidadãos locais interessados”, que, desde então, mudou para os “Filhos do Iraque”. À medida que as pessoas viram o sucesso, o número de voluntários aumentou. No primeiro mês, o número girava em torno de 30, mas quando firmamos um contrato de segurança com eles três meses depois, contávamos com quase 300. Esses homens lutaram e, em alguns casos, morreram, sem serem remunerados por mais de três meses. Muitos argumentam que os sunitas só passaram para o nosso lado porque lhes pagávamos. Em nossa área, essa afirmativa era incorreta.

No início, estabelecemos uma célula sob o comando do capitão Dustin Mitchell, comandante do BRT E/4 (esquadrão de reconhecimento de brigada), para trabalhar com o grupo Forsan al-Rafaidan diariamente. Esses homens atuaram como nossos conselheiros da equipe de transição militar a Abu Abed, orientando-o como fazer a transição de operador de uma pequena unidade para líder de uma grande organização. Quando Mitchell e sua unidade foram transferidos, estabelecemos uma companhia provisória sob o comando do capitão Eric Cospes, meu oficial de apoio de fogo, para continuar a relação estreita com o Forsan al-Rafaidan.



Exército dos EUA, Sgt. Jack Androski

*Combatentes do Forsan al-Rafaidan em cima de uma viatura blindada de combate Bradley, junho de 2007.*

Conforme continuamos a operar com o Forsan al-Rafaidan, descobrimos que tanto o meu batalhão quanto o batalhão do Exército iraquiano ganharam legitimidade perante a população local. Trabalhamos várias questões com eles, incluindo

---

### ***Quando Abu Abed disparou o primeiro tiro em 30 de maio, eliminando um dos líderes principais da AQI na área, ele desencadeou uma rebelião popular...***

reclamações de intimidação e atividade criminosa. Algumas das denúncias que recebemos eram parte de uma campanha operacional de desinformação ativa da AQI e outras organizações, que buscavam desacreditar Abu Abed e o Forsan al-Rafaidan. Na verdade, houve alguns incidentes com os quais tivemos de lidar, mas recebemos menos reclamações em relação ao Forsan al-Rafaidan que ao Exército iraquiano. À medida que investigamos as alegações dos habitantes locais contra o Forsan al-Rafaidan, constatamos que algumas das reclamações eram justificadas e, portanto, disciplinamos vários membros e detivemos alguns deles.

Também recebemos reclamações semelhantes sobre os soldados do Exército iraquiano na área. Examinamos diversos comandantes do Exército iraquiano. O número de reclamações correspondia diretamente à qualidade da liderança do Exército iraquiano. Descobrimos que as reclamações diminuíram significativamente quando executamos operações com todas as três forças, aumentando ainda mais a confiança da população e isolando os insurgentes dela.

O surgimento de Abu Abed como líder da minoria contrainsurgente foi um ato de coragem e fé. Ele teve a coragem de oferecer ajuda, embora tivéssemos feito pouco para reduzir a ameaça, o que, segundo Galula, é essencial para que essa minoria assim o faça. Contudo, ele e os imãs que o apoiavam tinham fé em nossos esforços para apoiá-los e sentiram que era a hora certa. O seu

crescimento foi lento. A maioria da população ainda não estava convencida de que tínhamos a vontade, os meios e a capacidade de ganhar. No entanto, à medida que o nosso sucesso em visar a AQI cresceu, o número de pessoas hostis à insurgência também aumentou. Voluntários engrossaram as fileiras do Forsan al-Rafaidan e se tornaram heróis locais ao se oferecerem. A população em geral ficou mais confiante e passou a denunciar abertamente a AQI e a demonstrar apoio aos nossos esforços. A parceria que formamos com o Forsan al-Rafaidan e o Exército iraquiano aumentou a legitimidade do governo do Iraque. A segurança criada preparou o terreno para o desenvolvimento político, econômico e social.<sup>12</sup>



Cortesia do autor

*Um parquinho em Ameriyah, dezembro de 2007. Este campo foi chamado de Body Drop Field (Campo de Deixar Corpos) devido ao número de cadáveres deixados para trás pela Al-Qaeda.*

### **Intensidade de Esforços e Amplitude de Meios**

Galula sustenta que as operações necessárias para livrar a população da ameaça insurgente devem ser de caráter intensivo e de longa duração. Não podemos diluir o esforço contrainsurgente em todo o país; devemos aplicá-lo área por área.<sup>13</sup> A escalada de tropas no último ano e o seu foco

---

***A parceria... com o Forsan al-Rafaidan e o Exército iraquiano aumentou a legitimidade do governo do Iraque. A segurança criada preparou o terreno para o desenvolvimento...***

em Bagdá nos deram, finalmente, o poder de combate necessário para ter um efeito duradouro. Sem a adição de mais dois batalhões em nossa área de operações e de outros em nossa área de

interesse, não teríamos obtido tanto sucesso. O acréscimo do 2º Batalhão do 32º Regimento de Artilharia de Campanha e do 1º Batalhão do 64º Regimento Blindado no Distrito de Segurança de Mansour nos permitiu concentrar nossos esforços em Ameriyah. O número de esferas de influência e unidades iraquianas parceiras com que trabalhamos diminuíram para um nível administrável. Os esforços desses batalhões também serviram para abalar a capacidade da AQI de se mover livremente e lhe negaram a capacidade de se restabelecer em outras áreas. Ao norte de onde estávamos, as operações do 2º Batalhão do 12º Regimento de Cavalaria e do 1º Batalhão do 325º Regimento de Infantaria Aeroterrestre impediram, efetivamente, a expansão da Jaysh al-Mahdi, e o 2º Batalhão do 12º Regimento de Cavalaria arrancou o controle do sul de Ghazaliya das mãos da Al-Qaeda.

Embora não necessariamente planejados para apoiar o nosso esforço, os esforços da 2ª Brigada de Combate da 1ª Divisão de Infantaria ajudaram a reforçar o nosso compromisso com o povo de Ameriyah. O plano de campanha do Coronel Burton e de seu estado-maior era simples, mas eficaz: concentrar em deter a expansão extremista xiita e derrotar a AQI. Ele deu aos seus comandantes subordinados a flexibilidade para lidar com desafios diferentes da maneira que considerassem adequada. Seu estado-maior assegurou que recebêssemos os recursos necessários para dar continuidade aos ganhos de

segurança com serviços e projetos aprimorados para melhorar a infraestrutura. Possibilitados pela escalada de tropas e implantados por meio de um plano de campanha de brigada abrangente, esses esforços ofereceram esperança aos cidadãos locais, que vieram a acreditar que, em última análise, tínhamos a capacidade de ganhar. A esperança levou a um aumento do número de pessoas dispostas a apoiar-nos abertamente em nossos esforços de derrotar a Al-Qaeda e, conseqüentemente, as fileiras do Forsan al-Rafaidan aumentaram exponencialmente.

## Conclusão

A base do nosso sucesso em Ameriyah consistia em soldados disciplinados, que agiam com comedimento diante da adversidade, e em líderes desde os níveis mais altos até o de fração, que entendiam que precisávamos do apoio da população local para derrotar a Al-Qaeda. Demos continuidade aos relacionamentos e ao sucesso dos soldados que nos precederam e passamos adiante tudo o que podíamos aos que vieram depois de nós. Desenvolver a confiança do povo local era essencial. Para construirmos essa relação de confiança, precisamos mostrar que estávamos comprometidos com a sua segurança. Para sermos eficazes, precisamos aprender a confiar nos habitantes locais que se ofereceram para lutar conosco e com o Exército iraquiano para derrotar a Al-Qaeda. Os resultados foram impressionantes. Não sofremos nenhum grande ataque no batalhão em Ameriyah de 7 de agosto até partirmos em 2 de janeiro. O último ataque de morteiros na comunidade ocorreu em julho. O número de assassinatos e sequestros caiu de mais ou menos 30 por mês para apenas 4 no segundo semestre. Mais de 200 lojas haviam sido inauguradas quando fomos enviados para outra área. O sucesso das nossas operações também exerceu pressão sobre o governo iraquiano para que fornecesse serviços na comunidade e avançasse rumo à reconciliação com a inclusão de sunitas na força policial iraquiana. O nosso sucesso exigia dedicação intensa por parte dos soldados e líderes, bem como tempo e paciência. Depois que os ganhos de segurança se tornaram óbvios, fomos capazes de melhorar, consideravelmente, a qualidade de vida dos cidadãos de Ameriyah.

Com base em nossa experiência, parece que Galula tinha razão ao afirmar que conquistar o apoio da população é essencial para o contrainsurgente. Eu enxerguei a conquista da confiança da população local como o centro de gravidade das nossas operações e das operações dos insurgentes. Embora tivesse, à minha disposição, os meios para empregar uma abordagem mais letal, achei que isso seria contraproducente e faria o jogo dos nossos inimigos à custa da população. Só conseguimos ganhar a confiança da população local quando fomos capazes de fazer com que as pessoas hostis à insurgência se oferecessem como voluntárias. A segurança assim estabelecida levou a população geral a apoiar-nos ao ver que tínhamos a vontade, os meios e a capacidade de ganhar. Por fim, tivemos de concentrar os nossos esforços em Ameriyah para limpar a área. A escalada de tropas nos permitiu focar os esforços do batalhão inteiro na área por um período prolongado. Fomos, então, capazes de proporcionar outros recursos para construir a infraestrutura e a economia locais, dando maior legitimidade ao governo iraquiano. Os nossos esforços ao trabalhar com o Exército iraquiano, com o Forsan al-Rafaidan e com o povo de Ameriyah demonstram a validade dos argumentos de Galula para as operações do Exército dos EUA no Iraque.<sup>14</sup>MR

---

## REFERÊNCIAS

1. Department of the Army, FM 3-24, *Counterinsurgency*. (Washington, DC: Government Printing Office [GPO], 2006), p. 3-13.
2. GALULA, David. *Counterinsurgency Warfare: Theory and Practice* (Westport, CT: Praeger Security International, 2006), pp. 52-55.
3. National Geospatial Intelligence Agency, *Baghdad* (Washington, DC: GPO, 2006); disponível na University of Texas at Austin, Perry Castaneda Library Map Collection, disponível em: [www.lib.utexas.edu/maps/middle\\_east\\_and\\_asia/baghdad\\_nima\\_2006.jpg](http://www.lib.utexas.edu/maps/middle_east_and_asia/baghdad_nima_2006.jpg) (1 de setembro de 2008).
4. *Ibid.* O 2º Batalhão do 32º Regimento de Artilharia de Campanha foi uma das primeiras unidades extras a chegar a Bagdá e tomou controle dos bairros de Hateen e Yarmouk em março de 2007. O 1º Batalhão do 64º Regimento Blindado chegou em junho e assumiu a responsabilidade pelo restante de Mansour, exceto por Ameriyah e Bakriyah, controlados pelo 1º Batalhão do 5º Regimento de Cavalaria.
5. GALULA, p. 52.
6. National Security Council, *National Strategy for Victory in Iraq*, (Washington, DC: GPO, 2005), pp. 18-19, disponível em: [www.whitehouse.gov/infocus/iraq/iraq\\_strategy\\_nov2005.html](http://www.whitehouse.gov/infocus/iraq/iraq_strategy_nov2005.html) (1 September 2008).
7. FM 3-24.
8. GALULA, p. 53.
9. *Ibid.*, p. 53.
10. FM 3-24, Figura 1-2: Support for An Insurgency (Apoio para uma Insurgência), p. 1-20.
11. GALULA, p. 54.
12. *Ibid.*, p. 54.
13. *Ibid.*, p. 55.
14. *Ibid.*, pp. 52-55.